O HOLANDÊS FILMADOR

Rob Rombout volta a BH e diz que o segredo do bom documentário é ter o que dizer

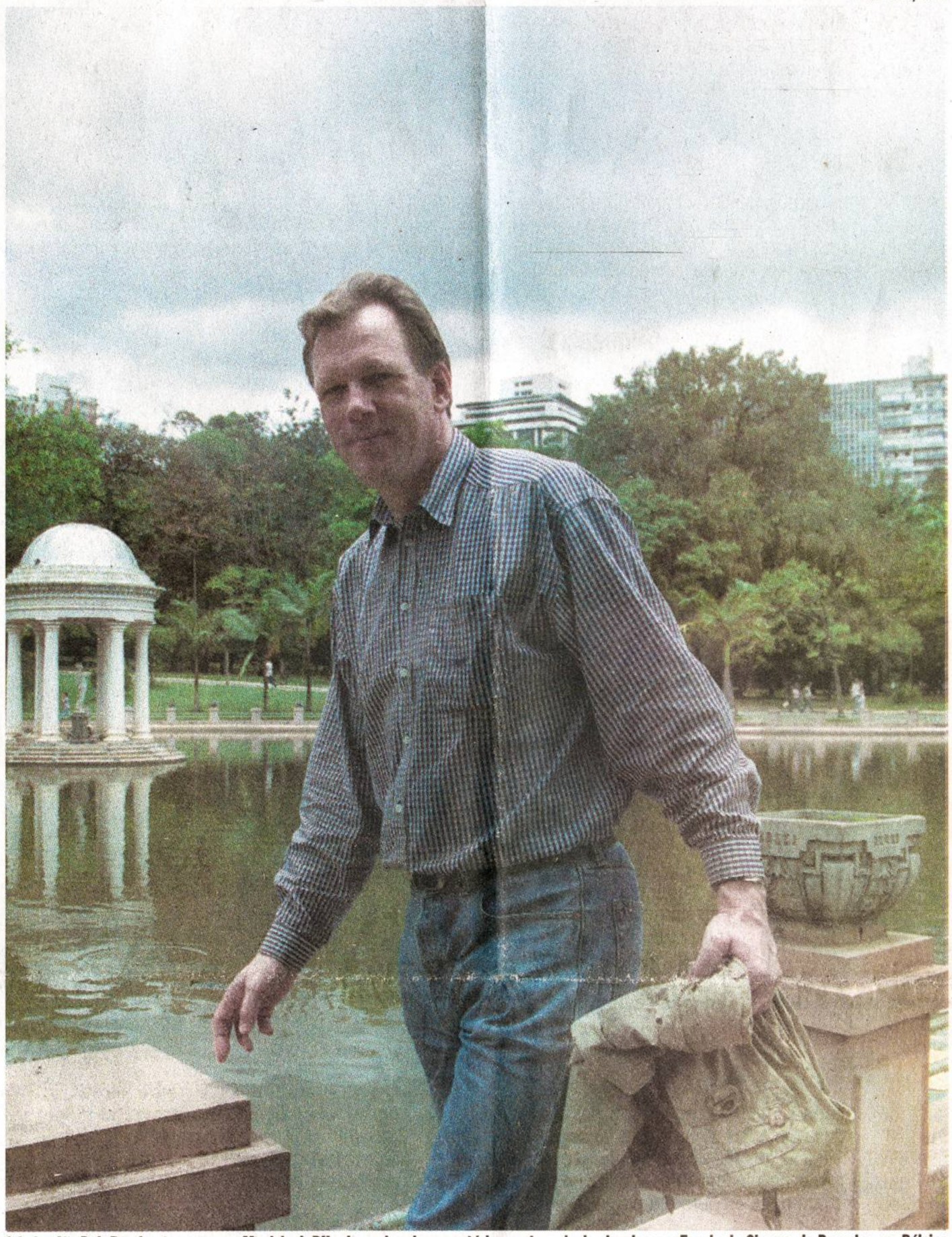
PABLO PIRES
REPÓRTER

Pouco conhecido no Brasil, mas com três passagens pelo país, o documentarista holandês Rob Rombout está novamente em Belo Horizonte. Ele lança seu mais recente filme, "Amsterdã via Amsterdã", e acompanha a exibição de outros dois documentários realizados este ano, a partir de hoje, no Itaú Cultural. Rombout também faz uma participação no filme "O General", de Fábio Carvalho, que começou a ser rodado no último domingo.

Rombout desenvolve um trabalho marcado pelo rigor visual e ausência de efeitos técnicos que remete à linha mais clássica de documentários. Desde 1983 na produção de vídeos, abandonou a videoarte por desejar uma compreensão e um domínio maior sobre seu trabalho. Aos poucos descobriu o documentário e encontrou sua área de atuação, que concilia com aulas sobre documentário e antropologia visual na Escola de Cinema, em Bruxelas, Bélgica.

Em entrevista por telefone, quando ainda se encontrava em São Paulo, onde participou do programa Rumos Cinema e Vídeo, do mesmo Itaú Cultural, Rombout fala sobre sua formação, seu estilo de realizar documentários, a especificidade do gênero e ainda sobre seus projetos, que incluem um "portrait" (retrato) de uma família de classe média brasileira.

VERA GONÇALVES



O holandês Rob Rombout no parque Municipal, BH; ele ensina documentário e antropologia visual na na Escola de Cinema de Bruxelas, na Bélgica

O TEMPO – Como foi sua formação e como começou a fazer filmes?

Rob Rombout – Nasci em Amsterdã e tive minha educação em uma cidade ao norte de Amsterdã chamada Zaandam, onde estudei na Escola de Cinema. Um pouco por acaso e um pouco por que era difícil fazer filmes na parte flamenga da Bélgica, comecei a filmar na parte francesa desse país. Comecei com filmes educacionais, o que ainda acho interessante. E, aos poucos, comecei a fazer meus próprios filmes, mas era muito difícil viver disso. Então, fiz filmes institucionais e comerciais, mas ainda não era minha área de interesse. Entendi rapidamente que não era possível viver de documentários, especialmente dos meus documentários, com o meu estilo. Comecei a dar aulas há cerca de 13 anos. Hoje, dou aulas e faço documentários, nos quais escolho o tema, desenvolvo e realizo, embora na maioria das vezes trabalhe com um produtor.

Como foi seu primeiro filme autoral?

O primeiro filme foi um "portrait" de um negro da Ruanda sobrevivendo em Liège, uma cidade da Bélgica. Tive um certo reconhecimento com esse filme, que foi exibido em festivais. Depois, fiz um filme sobre o muro de Berlim. Tratei a realidade nesse filme completamente diferente do tratamento jornalístico, eram todas câmeras fixas, muito parecido com cinema. Não há efeitos, é uma maneira de trabalhar muito sóbria e muito preocupada com a composição. O trabalho seguinte foi feito em película, "Transatlantique Queen Elisabeth 2" (Transatlântico Rainha Elisabeth 2), sobre uma viagem que ainda é realizada entre os Estados Unidos e a Inglaterra, e também foi filmado nesse estilo.

O senhor demonstra grande preocupação com a construção da imagem e do quadro. O senhor utiliza movimentos de câmera?

Não é que não use movimentos de câmera, mas não gosto do que se chama de "filmagem automática", como todos fazem. Diria que na linguagem do documentário e nas reportagens de televisão existe uma inflação da linguagem. Ninguém sabe o porquê de se fazer assim, mas estão fazendo. E tem sempre um resultado, mesmo se for ruim, você pode trabalhar na pós-produção. A linguagem tem muito desse tratamento. Ainda mais por que as câmeras estão se tornando mais leves e você pode mostrar qualquer coisa, não há mais segredo. O espectador pode ficar em casa e o equipamento permite a ele viver a ilusão de que esteve lá. Uma das características dos filmes antigos era que você ia ao cinema e havia uma história lá, em que nem tudo era mostrado, mas sugerido. E isso é algo que me interessa. Se você tem um tema, você tem que abordá-lo, mas me interessa muito como é feita essa abordagem. Não pode fazer experiências formais com temas como guerra ou pobreza, que estão distantes de mim. Escolho temas que estão um pouco fora de foco. Podem não ser novidades, mas tento desenvolver uma linguagem que se afeiçoe a eles.

Como se combinam forma e conteúdo no seu trabalho?

Forma e conteúdo estão ligados pela filosofia. Isso quer dizer que se você tem um tema, um conteúdo, você pensa sobre ele e talvez o relacione com uma idéia ou uma ideologia e você o coloca em um contexto. Quando se tem, então, um contexto, você define os limites do tema e a linguagem que se afeiçoa a ele. A forma não é apenas uma embalagem. Muito frequentemente, diretores se tornam profissionais da embalagem. Não faço isso, prefiro ser alguém que conta uma história e tem algo a dizer. Não uso apenas câmera fixa, uso movimentos, faço vídeo e filmes, e estou sempre tentando experimentar algo com um objetivo, uma idéia pré-definida. Por isso me interesso em escrever um documentário: escrevo um roteiro e me forço a escrever o que quero dizer com aquilo.

O documentário lida sempre com o acaso, o roteiro, na maioria das vezes, fica em aberto. Como conciliar esse acaso da realidade com a pré-definição do roteiro?

Essa é a questão principal. Como prever o imprevisível? Esse é um paradoxo, mas gosto de ser confrontado com esse paradoxo. Se há um problema, gosto de viver esse problema enquanto estou gravando. Claro que improviso, mas as melhores improvisações são feitas quando se tem um roteiro determinado. Você tem que entender o que é música para começar a improvisar, e é claro que me deixo levar durante as filmagens. Mas, como professor, acho interessante ter o roteiro e o filme, para comparar depois como foi diferente, para compreender melhor o processo. Esse é o meu maior objetivo, finalizo os filmes e fico fascinado por como os elementos funcionam para o espectador, não apenas no nível do olho, mas também o que está acontecendo na cabeça do espectador. Para compreender esse processo, vou precisar de uma vida inteira. A cada filme, tento coisas novas e é a minha preocupação principal. Como funciona? A cada filme avanço um pouco e por isso preciso do roteiro como um contraste para mim mesmo. O que eu queria fazer e qual foi o resultado? E depois comparar os dois.

E o senhor fica satisfeito com os resultados?

Sou muito meticuloso, uma das razões pela qual não faço muitos filmes. Se estou filmando e o resultado não sai como quero, repito várias vezes até achar que ficou bom, pois sei que não quero me envergonhar depois. Meus filmes não fazem sucesso quando são lançados, mas têm uma vida longa. Mesmo em TV, alguns filmes são mostrados seis ou sete anos depois. É uma espécie de documentário clássico, que vai parar em uma biblioteca, o que considero o melhor que um documentário pode realizar. Tenho que ser radical ao filmar, para não ficar insatisfeito com o resultado. Claro que fico um pouco insatisfeito, mas gosto da maioria das coisas que faço. Não trabalho para alguém, trabalho com TV, mas não para TV. Sem televisão, não posso trabalhar, mas sou eu quem define o que fazer.

Tanto o "Nord Express" quanto o "Transatlantique Queen Elisabeth 2" abordam o tema da viagem. Isso é fruto da tradição holandesa de navegação?

Os holandeses são conhecidos como espontâneos e muito livres, mas isso não é completamente vèrdade. Eles têm também um outro lado, o de organizar tudo, graças à

mento com "Entre Deux Tours" (Entre Duas Torres), que era mais videoarte. O vídeo estava na moda naquele tempo. Esse trabalho participou de vários festivais e ganhei um prêmio, na França. Mas achei que era muito fácil o trabalho com vídeo, cheio de efeitos, era um trabalho que priorizava a pós-produção, em que você filma e sempre encontra uma solução. Eu queria fazer algo que pudesse compreender melhor o que estava fazendo e fui caminhando em direção ao documentário. Cada vez mais fiquei interessado no tipo de documentário que era feito na década de 50. Aí comecei um projeto, que é o meu primeiro documentário de fato – "Nord Express" (Expresso Norte) –, sobre uma viagem de trem entre Paris e Moscou. Achei interessante, porque o tema do trem sempre esteve presente na história do cinema, desde o primeiro filme dos irmãos Lumière. Esse trem é tão velho quanto o cinema e a viagem, que durava, antigamente, 48 horas, hoje dura 47 horas. Fiz o documentário na época da queda do

ROB ROMBOUT/DIVULGAÇÃO



Imagem do filme "Amsterdã via Amsterdã", o mais recente de Rob Rombout, que será exibido nesta sexta-feira no instituto Itaú Cultural

conformação do país. Há essa deformação de tentar organizar tudo e controlar tudo. Quando você viaja é confrontado com muita desordem. Se anda em São Paulo, por exemplo, um holandês acha tudo muito maluco. Tenho um pouco dessa formação, é parte da minha cultura, de me manter distante das coisas, sem travar contato com elas. Diria que as viagens não são o conteúdo principal desses trabalhos, mas a curiosidade que se tem por outros lugares. Se faço um filme, é também algo que tem a ver com locais pequenos e espaços limitados. A minha cena favorita no trem é quando você tem uma vista de fora e vê os limites da janela. São duas linguagens em uma, você vê a paisagem que passa, mas vê os limites, porque está atrás da janela que compõe a cena. Esse é a minha cena ideal. No "Transatlantique...", você está atrás das janelas e escuta o som do interior, mas vê o mar através da janela, gosto desse paradoxo no filme.

CONTINUA NA PÁGINA 8

Cineasta quer documentar classe média

Rob Rombout anuncia o projeto de acompanhar uma família típica

PABLO PIRES
REPÓRTER

A seguir, o documentarista holandês Rob Rombout, que acompanha em Belo Horizonte, a partir de hoje, a exibição de uma mostra de suas três produções mais recentes, fala do projeto de filmar na cidade o cotidiano de uma família de classe média.

O TEMPO – Como o senhor vê a linguagem do documentário hoje e como sua formação de antropólogo interfere em seu trabalho?

Rob Rombout – Acredito que o documentário está em crise, de certa maneira, porque está indo na direção da linguagem televisiva e do jornalismo. Reduzir um documentário a um tema é um grande problema. A antropologia visual é uma espécie de observação, dar um passo atrás, pode-se fazer um documentário sem ter que ir à África ou ao Terceiro Mundo. Pode-se fazer um documentário nas redondezas de sua casa, considerando uma fábrica como uma tribo, uma situação como um elemento teatral. Antropologia significa que você vai estudar os ritos, e também significa que, quando alguém está falando com você, você não está apenas escutando como a TV faz, mas está também prestando atenção à mímica, aos gestos, à linguagem do corpo. Falam sempre que a televisão é filha do documentário, não é verdade, a televisão é filha do rádio. Ela ilustra o rádio e, na maioria das vezes, nada mais. O documentário deve voltar-se para os detalhes e não apenas para a palavra falada.

O que acha de Belo Horizonte e dos trabalhos que viu por aqui?

Estive em Belo Horizonte pela primeira vez a convite do Éder Santos, que me pediu para dar uma oficina, há três anos. Depois, dei outra em Ouro Preto, no Festival de Inverno e, no mesmo ano, outra em Belo Horizonte. A cidade é o meu lugar preferido no Brasil. Provavelmente, porque não é tão grande e não está na competição entre Rio e São Paulo. Acredito que é uma cidade que pode ter um papel de vanguarda. Em minha experiência com os grupos que trabalhei, que eram muito heterogêneos, havia muita diferença entre o meu jeito de trabalhar e as coisas que vi, é claro, porque você tem que refletir a cultura da qual faz parte. A questão que me pergunto é: há algo realmente brasileiro que determina uma rapidez na linguagem ou é algo advindo da TV? Às vezes, acho que acontece, e isso ocorre também em meu país, uma certa ditadura do ritmo. Se o ritmo for brasileiro, para mim tudo bem, mas se o ritmo for o da publicidade, então é outra coisa. Você vê que a linguagem da TV tende a incorporar o ritmo da publicidade e do videoclipe. Às vezes, vejo alguns documentários com o ritmo de videoclipe com o propósito de não ser entediantes, mas essa não é uma boa motivação. Olho da minha janela em São Paulo e não vejo ninguém dançando, a realidade não é dançante. Você deve fazer um documentário se deixando influenciar pelo que você vê, o que é sua bagagem e sua filosofia, mas não ser influenciado por esse "big brother" ditador do ritmo.

Falam sempre que a TV é filha do documentário, não é verdade, a TV é filha do rádio

Por vezes, as coisas que estão diante dos nosso olhos, exatamente por serem tão comuns, perdemos a capacidade de enxergá-las, é como se a vista ficasse obscura. Seria a tarefa do documentário revelar essas coisas?

Na nossa vida cotidiana acreditamos que há coisas úteis e inúteis. Se tomamos um ônibus, não vemos nada demais, mas se abrirmos os olhos, podemos ver uma cena fantástica. Uma das tarefas do documentário é ensinar às pessoas a enxergarem as coisas de uma maneira diferente, mesmo coisas banais. E também criar poesia a partir de elementos que parecem não conter poesia. Para fazer isso, você precisa de muito mais conhecimento, muito mais energia e sensibilidade artística do que para fazer com uma coisa que já é poética. É um tipo de escultura, à primeira vista não aparece, mas depois você se coloca em outro nível. O documentarista é confrontado com o "momento zero", em que não vê nada acontecendo ou nada de interessante, mas é interessante extrair algo disso. O desafio é extrair algo de uma coisa que é considerada como nada. O futuro do documentário também deve ir nessa direção. Se pensar em situações extremas e chocantes, como drogas, travestis etc, você tem um universo reduzido, porque nada de chocante permanece, elas têm um fim. Mas, se disser: "O meu reservatório é a realidade", você pode continuar até o fim dos tempos. Você pode filmar algo que aparentemente não tem nada a oferecer e extrair um bom documentário disso, aí, você é um documentarista de verdade.

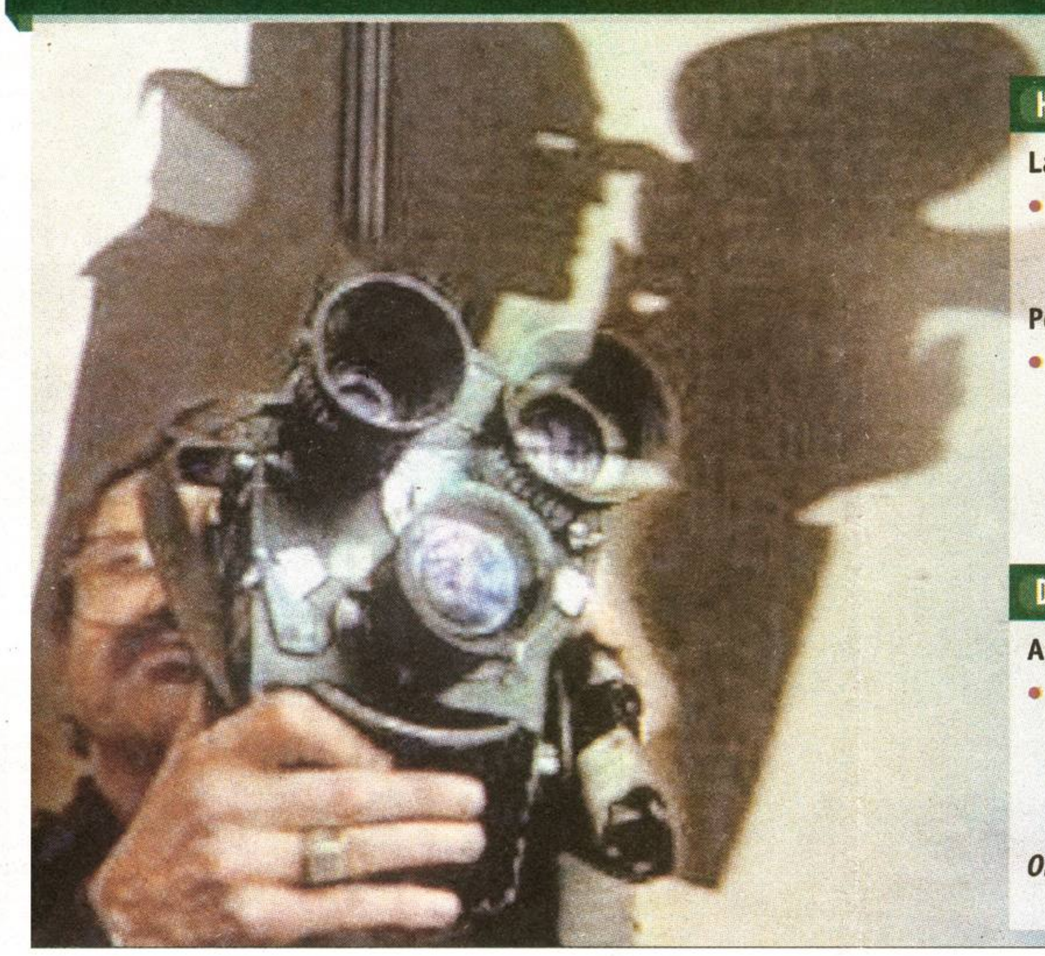
Olho da minha janela e não vejo ninguém dançando, a realidade não é dançante

O senhor não tem vontade de filmar no Brasil?

Acho que vou realizar um projeto no Brasil, talvez em Belo Horizonte. A próxima vez que vier ao Brasil, vou querer fazê-lo. Não sei se isso já foi feito, não conheço nada assim. Quero fazer um retrato de uma família de classe média. Gostaria de seguir essa família durante um certo tempo. Farei durante um longo período e durante um acontecimento social, como eleições, por exemplo. A classe média é interessante aqui, porque é a mesma em qualquer lugar do mundo, as mesmas ambições, os mesmos carros. Mas a diferença é que a classe média no Brasil não é tão grande e tem uma fronteira mais próxima com o que não é classe média. Não faria nunca um vídeo sobre meninos de rua, porque não seria honesto, estou muito distante disso. Não gosto do trabalho dos estrangeiros que vêm ao Brasil e filmam o Carnaval e tal. Falo um pouco de português e entendo um pouco da classe média. Seria interessante colocar isso na televisão. Penso em trabalhar com um sociólogo brasileiro e poderia trabalhar um ano para definir o que é uma família de classe média e encontrar uma família. Imagino instalar câmeras em uma casa e mostrar todo o processo. É um processo aberto. Terá que ser uma co-produção entre Bélgica e Brasil.

MOSTRA ROB ROMBOUT

EDITORIA DE ARTE



HOJE, ÀS 19H60

La Piege de Kerguelen (1999, 40min)

- "O retrato da vida nas ilhas Kerguelen, chamadas de Ilhas da Desolação, a partir de uma expedição científica".

Perm-Mission (1999, 52mim)

- "Um relato impressionista sobre um festival de documentários na cidade de Perm (Rússia). Entrevistas com novos realizadores de documentários são contrapostas às opiniões e impressões do autor do longo da viagem de trem de Moscou a Perm".

DIA 19, SEXTA-FEIRA, ÀS 19H30

Amsterdã via Amsterdã (1999, 75min)

- "Um documentário road-movie que refaz a rota dos navegadores holandeses do século 16 entre duas ilhas nos extremos sul e norte do mundo chamadas Amsterdã e cidade de Amsterdã"

Onde: *Itaú Cultural (rua Goitacazes, 29, Centro, 222.8160). Entrada franca.*